

**FACULDADE PATOS DE MINAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

GABRIELA APARECIDA GOMES SOUZA

**CAPACITAÇÃO E DESENVOLVIMENTO: considerações gerais sobre o estudo
da educação financeira no brasil**

**PATOS DE MINAS
2021**

GABRIELA APARECIDA GOMES SOUZA

**CAPACITAÇÃO E DESENVOLVIMENTO: considerações gerais sobre o estudo
da educação financeira no brasil**

Trabalho apresentado à Faculdade Patos
de Minas, como requisito parcial para a
conclusão de Graduação em Ciências
Contábeis

Orientador: Me. Gabriel Sandino de Castro

**PATOS DE MINAS
2021**

ATA

CAPACITAÇÃO E DESENVOLVIMENTO: considerações gerais sobre o estudo da educação financeira no brasil

THE SCIENCE OF FINANCIAL EDUCATION IN BRAZIL: a bibliographic review

Gabriela Aparecida Gomes Souza¹

Gabriel Sandino de Castro²

RESUMO

Essa pesquisa discutiu a educação financeira e como ela vem sendo estudada no Brasil. Educação financeira é um tema que começou a ser falado no Brasil quando a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) realizou o Projeto Educação Financeira, em 2003. A familiarização desde cedo com a educação financeira influencia nossos hábitos para que saibamos como administrar da melhor forma as nossas rendas. Foi desenvolvida uma revisão bibliográfica com o objetivo geral de compreender de que forma a educação financeira vem sendo estudada no âmbito das ciências administrativas e contábeis no Brasil. Os resultados obtidos apontam que a educação financeira será eficaz quando ela se tornar parte da cultura no Brasil. Deve ser abordada desde a infância nos ambientes familiar e escolar, incentivando todos a se planejarem para conquistarem seus sonhos.

Palavras chave: Educação financeira, ensino, escola, planejamento.

ABSTRACT

This research discussed financial education and how it has been studied in Brazil. Financial education is a topic that began to be talked about in Brazil when the Organization for Economic Cooperation and Development (OECD) carried out the

¹Graduanda em Ciências Contábeis pela Faculdade Patos de Minas, e-mail:gabi-gomes-souza21@hotmail.com

²Docente do curso de Ciências Contábeis pela FPM com graduação em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Grande Dourados (UFDG), mestre em Relações Internacionais pelo Instituto de Economia de Universidade Federal de Uberlândia (IF/UFU), e-mail:gabriel.castro@faculdadepatosdeminas.edu.br.

Financial Education Project in 2003. Familiarization with financial education from an early age influences our habits so that we know how to manage our rents in the best way. A literature review was developed with the general objective of understanding how financial education has been studied in the context of administrative and accounting sciences in Brazil. The results obtained show that financial education will be effective when it becomes part of the culture in Brazil. It should be addressed from childhood in the family and school environment, encouraging everyone to plan to achieve their dreams.

Keywords: Financial education, teaching, school, planning.

1. INTRODUÇÃO

A educação faz parte da vida desde o nascimento, é com a educação que se aprende como se comportar e como viver em sociedade. E na educação financeira não é diferente, já que o dinheiro faz parte de todas as fases da vida humana, também é necessário aprender como utilizá-lo de forma equilibrada. (SOUZA, 2012)

Há quem pense que educação financeira é correr atrás da riqueza, com milhões na conta. Esse tipo de pensamento é um sinal da falta de conhecimento financeiro. Educação financeira vai além de ficar rico, é desenvolver habilidades para sábias escolhas ao administrar a vida financeira (SOUZA, 2012).

De acordo com a Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF, a educação financeira é importante pois o dinheiro está presente em todas as fases da vida, e a partir do conhecimento financeiro as escolhas e comportamentos terão fundamentação, além de ser um tema que traz impacto tanto para o tempo presente, como para o futuro (BARBOSA, 2015).

Para Siqueira (2019) educação financeira é um processo onde a sociedade adquire um conhecimento sobre os riscos e as oportunidades através de referências adequadas, familiarizando os cidadãos com assuntos financeiros, reduzindo perdas financeiras, fraudes, motivando o planejamento e evitando o endividamento excessivo.

Devido à necessidade de compreender a educação financeira em vista dos inúmeros problemas em termos de falta de planejamento e conhecimento por parte da sociedade, além da ausência de uma pesquisa relacionada à revisão dos estudos já publicados, pretendo avançar nessa discussão com o presente trabalho.

O objetivo geral deste trabalho é compreender de que forma a educação financeira vem sendo estudada no âmbito das ciências contábeis no Brasil. E os objetivos específicos são descrever a importância da educação financeira e compreender, em linhas gerais, o desenvolvimento da educação no Brasil.

2. METODOLOGIA

A realização desta pesquisa aconteceu através de revisão bibliográfica com abordagem analítico-descritiva. Segundo Brigagão (2019), pesquisa bibliográfica é a junção de importantes trabalhos científicos sobre determinado tema para prover informações atuais e pertinentes. Fontelles et al. (2009) diz que a pesquisa analítico-descritiva abrange uma análise mais aprofundada de informações por meio de observação, registros e descrição. Em modo de metanálise, destacamos os principais artigos sobre o tema da educação financeira. A metanálise é usada para reunir resultados de diversos estudos sobre o tema de forma resumida (ROEVER, 2020).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Desenvolvimento da educação básica no Brasil

As instituições escolares se desenvolveram na Grécia, primeiro como educação paideia, que nada mais é que educação infantil. E também foi criada a educação duleia, que era a educação para escravos, fora das instituições escolares, geralmente aplicada nos lugares em que os escravos trabalhavam (SAVIANI, 2008).

Segundo Ribeiro (1993) a fase colonial brasileira apoiada a mão de obra escrava favoreceu o desenvolvimento de uma sociedade submissa, pois era sustentada por fazendeiros e uma economia agrícola.

A Companhia de Jesus (jesuítas) tinha objetivo de conquistar mais fiéis e a catequese garantiu que os indígenas se convertessem ao catolicismo e fossem submissos aos senhores. A educação primária foi formada apenas para homens jovens e depois para filhos de colonos, a educação média foi criada para os homens de classe dominante, excluindo mulheres e filhos primogênitos e, por fim, a educação superior era exclusiva para os nobres que quisessem integrar a comunidade sacerdotal.

Para o autor, o objetivo dos jesuítas de início era de catequizar os indígenas para torná-los mais submissos e passivos para que assim eles fizessem parte da mão de obra escrava, porém esse objetivo foi mudando e voltando-se para a educação da nobreza, pois assim assegurava lucros financeiros e formação de mais sacerdotes.

Com o fim da escravidão, a ordem feudal cria um novo tipo de escola, onde a

igreja católica e o estado eram protagonistas planejando a ideia de escolas públicas, leigas e obrigatórias, tentativas essas que passaram por diversas mudanças (SAVIANI, 2008).

Com a chegada dos jesuítas no Brasil, surgiu a primeira escola brasileira na colônia portuguesa em 1549. Há uma linha do tempo onde mostra cada fase da educação brasileira, no período de 1549 a 1759 era regido pelos colégios jesuítas; de 1759 a 1827 foi uma fase marcada pelas aulas régias, uma tentativa de escola pública estatal; de 1827 a 1890 houve as primeiras tentativas da educação se tornar responsabilidade do governo imperial e das províncias; de 1890 a 1931 houve a determinação de escolas de ensino primário, secundário e superior incluindo apoio pedagógico em todo território nacional; e de 1961 até os dias atuais houve a padronização da educação nacional, atingindo toda a rede pública e privada.

Em meados do século XVIII o Marquês de Pombal fez diversas reformas na educação, uma delas foi tirar a educação da gestão da igreja e passar a responsabilidade para o Estado. Mesmo com a expulsão dos jesuítas, as aulas ainda eram lecionadas pelos professores de colégios jesuítas e continuavam com métodos autoritários, desenvolvendo a submissão. Após a reforma educacional, por se tratar de uma educação voltada para o Estado, houve uma queda no nível de ensino (RIBEIRO, 1993).

As escolas foram criadas e consolidadas na idade moderna tendo como base o mesmo método utilizado pelos jesuítas, o método simultâneo. Esse mecanismo era utilizado para que os preceptores pudessem ensinar mais de um aluno simultaneamente, a classe era dividida em grupos em que os alunos tivessem o mesmo grau de conhecimento e assim o professor designava atividades de acordo com o grau de cada grupo (SAVIANI, 2008).

As universidades se alinharam primeiro, a partir da Idade Média e só ao longo dos séculos XVII e XVIII foram criadas as escolas secundárias. Só era admitido nessas escolas quem soubesse ler e escrever, e isso era ensinado pelos preceptores já que não existia a escola primária.

De acordo com Frigotto e Ciavatta (2003), em 1990 começou a transformação na educação com a presença de órgãos internacionais promovendo assessorias técnicas, eventos e diversas produções documentais. O primeiro evento realizado na Tailândia iniciou um grande projeto de educação para todos em nível mundial, que defende a ideia de que crianças, jovens e adultos devem usufruir das oportunidades

básicas de aprendizagem (ler, escrever e calcular), usufruir de conteúdos teóricos e práticos indispensáveis para o desenvolvimento de capacidades de tomada de decisão, conquistar um trabalho digno e melhorar sua qualidade de vida.

Frigotto e Ciavatta (2003) ressaltam ainda que o Brasil tinha um dos maiores números de analfabetos e foi exigido o desenvolvimento de atitudes que impulsionassem a educação não só nas escolas, mas também em casa e na sociedade sob supervisão da UNESCO.

Julgava-se que um dos maiores problemas da educação brasileira era a falta de escolas, que por falta de verba as crianças não iam à escola, mas com o passar do tempo percebeu-se que a grande maioria das crianças frequentavam a instituição, a questão é que elas aprendiam pouco e afastavam-se dos estudos na adolescência (SCHWARTZMAN, 2005).

De acordo com o autor, o problema da educação brasileira é a má qualidade de ensino nas escolas, os custos em educação são em média 5 a 5,5% do PIB, maior que em alguns países, equivalente a Itália e Japão, que mesmo com recursos similares conseguem resultados bem melhores.

Schwartzman (2005) argumenta que, em 2003, cerca de 16,7% de brasileiros na faixa etária dos 16 anos já estavam fora das escolas; aos 18 anos eram 42%, e assim muitos estudantes passam pela escola e saem antes mesmo de se habilitarem, essa realidade afeta principalmente a sociedade de baixa renda.

Outra questão apontada pelo autor é os problemas do ensino médio, se o aluno realmente aprende a aprimorar suas capacidades e participar do mercado de trabalho. O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) foi a primeira tentativa de avaliar o desempenho e a evolução dos alunos que concluíssem o ensino básico, mas há pouco tempo não existia uma referência de avaliação de resultados de ensino para os jovens. Essas questões põem em pauta a essencialidade de capacitação dos jovens para o mercado.

O sistema universitário do Brasil, se comparado a outros países, é bastante reduzido, consequência dos problemas do ensino fundamental. Há um número pequeno de excelentes universidades e são difíceis de ingressar, e um número grande de universidades e cursos que buscam o modelo das instituições de prestígio, porém muitas vezes sem sucesso.

Durante o mandato de Fernando Henrique Cardoso foi criado o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento de Ensino Fundamental e de Valorização ao

Magistério (Fundef) que definiu um piso de gastos para a educação municipal e estadual. Com a reabertura do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep) foram instituídos processos de avaliação de ensino básico, médio e superior.

No governo de Luís Inácio Lula da Silva foram criados vários programas que auxiliaram na melhora do desempenho da educação, houve um crescimento no ensino médio, redução no número de alunos repetentes, crescimento no número de matrículas para o ensino superior, universidades e instituições federais matricularam cerca de 20% do público estudantil. Também teve o aumento do custo dessas instituições públicas referente a salários, gastos previdenciários e de aposentadoria dos corpos docente e administrativo e custos de manutenção dos hospitais universitários (SCHWARTZMAN, 2005).

Observa-se que no Brasil já existem pesquisadores e instituições focados em pesquisas no ramo da educação em suas diversas particularidades, mas para enfrentar os problemas da educação brasileira é necessário mais desenvolvimento em pesquisas na área da educação e incorporar o resultado dessas pesquisas às políticas governamentais (SCHWARTZMAN, 2005).

3.2. Educação financeira no brasil

Nos últimos tempos, a educação financeira transformou-se em preocupação em diversos países, desde então vêm sendo realizados vários estudos sobre o tema. Segundo Cordeiro, Costa e Silva (2018), na sociedade contemporânea existe a necessidade de saber mais sobre os conceitos do sistema financeiro para que haja tomada de decisões assertivas.

Savoia, Saito e Santana (2007) ressaltam que comparado aos Estados Unidos e ao Reino Unido, o Brasil ainda está em desenvolvimento em relação à educação financeira. Nos Estados Unidos o tema foi inserido obrigatoriamente na grade curricular e no Reino Unido, apesar de facultativo, há um forte estímulo à poupança por parte de empresas financeiras, entidades e outras instituições. A diferença entre o Brasil e os outros países está ligada diretamente a princípios históricos e culturais.

Desde o século XVI, quando houve a colonização do Brasil, existe a necessidade de trocas comerciais, mas na época era por meio do escambo, onde os indígenas trabalhavam para os portugueses em troca de algum objeto. Ao longo do tempo, apesar do desenvolvimento capitalista no Brasil, a preocupação com a garantia

da alocação eficiente de recursos é pequena, raramente se discutia sobre a importância da educação financeira.

Desde o nascimento, a educação faz parte da vida do ser humano, é com ela que aprendemos como nos portar e agir, também é fundamental que saibamos conviver com o dinheiro de forma sábia e equilibrada já que ele também faz parte de nossas vidas desde o dia em que nascemos.

Segundo Silva e Cabral (2017), a educação financeira surgiu quando a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) levou esse tema para ser discutido entre as parcerias da organização. Em 2003, foi realizado o *Projeto Educação Financeira* e a partir desse projeto o Brasil, com intuito de educar a população, passou a ser aconselhado em suas atitudes pela OCDE. Para Souza (2012) o brasileiro é herdeiro do “comprar agora”, consequência de uma inflação que de manhã o produto custava um preço e a noite era outro, por esse motivo falar de educação financeira é necessário.

Ainda de acordo com o autor, esse tema deve ser tratado desde criança, apesar de a sociedade pensar que o assunto é para adultos, educação financeira não é apenas ensinar o filho a poupar, e sim ensiná-lo a forma correta de usar o dinheiro à procura de uma boa qualidade de vida. Ferreira e Castro (2020) também enfatizam que educação financeira deve ser ensinada desde a infância, mas como não é a realidade de todas as famílias, pois muitos pais não possuem conhecimento suficiente para passar aos filhos, essa iniciativa poderia vir das escolas para que os problemas com endividamentos futuros fossem amenizados.

Segundo Ferreira (2017, p.3), a educação financeira “se trata de conhecimentos e competências que te ajudam fazer escolhas inteligentes relacionadas a dinheiro, transações financeiras e consumo, que te fazem adquirir certo bem-estar e tranquilidade na vida”.

Lucci et. al. (2006) aponta que:

[...]sob a perspectiva de bem estar pessoal, jovens e adultos podem tomar decisões que comprometerão seu futuro; as consequências vão desde desorganização das contas domésticas até a inclusão do nome

em sistemas como SPC/ SERASA (Serviço de Proteção ao Crédito), que prejudicam não só o consumo como, em muitos casos, na carreira profissional. (LUCCI et. al., 2006, p.04)

Ferreira e Castro (2020) dizem que os problemas financeiros não são uma realidade apenas de famílias de baixa renda, eles surgem com os excessos, independente do padrão de vida do indivíduo.

Um bom planejamento permite que as pessoas ou famílias adequem suas rendas às suas necessidades, mas para que isso funcione precisa da colaboração de todos os envolvidos. A partir do planejamento é possível identificar e cortar gastos demasiados, projetar gastos futuros com baixo ou sem juros, compras à vista, além de poder enfrentar eventuais problemas com tranquilidade e segurança (FERREIRA; CASTRO, 2020).

Percebe-se que educação financeira não se trata somente de economizar, mas sim de saber identificar se determinado gasto é necessário, é saber fazer boas escolhas na contratação de um serviço ou na compra de um produto, se é viável ou não parcelar um pagamento, pessoas com conhecimento em finanças sabe como elas podem fazer um bom planejamento pessoal ou familiar para que não venham a ter dívidas futuras, sabem exatamente a receita que entra em sua casa, como se forma e dissemina o dinheiro. Educação financeira não quer dizer que temos que abrir mão dos nossos sonhos, desejos e tempo só para economizar dinheiro e sim saber controlar as receitas, ter conhecimento quanto às dívidas, realizar os sonhos e aprender a investir para que o dinheiro possa render (FERREIRA, 2017).

As pesquisas realizadas com a população pela Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) mostram que mesmo sabendo da importância de um planejamento financeiro existem fatores econômicos, psicológicos e até mesmo culturais que dificultam administrar as finanças. Outra situação que dificulta ainda mais o planejamento a longo prazo é que no Brasil possui muitos trabalhadores informais, pessoas que não têm carteira de trabalho assinada e por isso a renda das mesmas são incertas, além de estar à disposição da população as baixas prestações, empréstimos e crediários facilitados (BARBOSA, 2015).

A ENEF propõe transformar a cultura financeira brasileira, a começar por crianças e jovens, considerando os maus hábitos que esse público já possui para que assim as próximas gerações detenham bons comportamentos financeiros (Dias et. al., 2019).

Com o objetivo de educar crianças e adolescentes para hábitos financeiros saudáveis, a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) inseriu educação financeira nas escolas por meio de material didático para o ensino médio. Esses materiais são livros para professores e alunos onde falam sobre sonhos planejados, listas de receitas e despesas, planejamento financeiro e estratégias de como alcançar objetivos, o maior obstáculo é que essa estratégia ainda não alcançou as escolas públicas (BARBOSA, 2015).

Savoia, Saito e Santana (2007) apontam que no Brasil o tema deve ser inserido rapidamente em todas as áreas e é primordial a atuação das escolas e universidades para disseminar e fortalecer a importância da educação financeira, visto que existe uma desajustada distribuição de renda no país.

3.3. A importância de educação financeira nos estudos da ciências contábeis

Um grande desafio nos tempos atuais é falar sobre dinheiro, devido ao consumo exacerbado da sociedade esse tema não traz muita satisfação, pois exige um bom planejamento e disciplina (FERREIRA; CASTRO, 2020).

Nos últimos anos no Brasil houve um grande crescimento na oferta de crédito facilitando que a sociedade realizasse seus desejos em um tempo hábil, mas é necessário que esse consumo rápido seja planejado para que não haja aumento do endividamento brasileiro (LIZOTE et. al., 2016).

O crédito é essencial para o crescimento econômico do país, pois ele aumenta o poder aquisitivo do indivíduo gerando mais produção e mais empregos, mas quando não se tem um planejamento financeiro há um aumento de gastos desnecessários, impedindo que as pessoas criem uma poupança ou um bom investimento rentável (LIZOTE et. al., 2016).

O mercado oferece inúmeras formas de pagamentos para uma compra, com muitas parcelas e juros e com isso vem o aumento de inadimplentes, por isso as pessoas devem estar a par de contratar um crédito e estar inteirado se o serviço contratado não vai acarretar mais dívidas (LIZOTE et. al., 2016).

Cada vez mais as pessoas almejam salários altos pensando que assim terão tudo aquilo que desejam, mas nem sempre é assim que acontece quando não há controle financeiro. O hábito de planejar facilita que as pessoas tenham maior controle financeiro trazendo segurança e tranquilidade para alcançarem seus objetivos e metas e diminuir o endividamento (FERREIRA; CASTRO, 2020).

Mas planejamento financeiro é muito mais do que controlar despesas, inclui também objetivos, aplicações, metas de curto, médio e longo prazo, e tudo isso muda de acordo com o estilo de vida e perspectiva de cada pessoa, com todas essas práticas conseqüentemente há um acúmulo de bens e valores formando o patrimônio de uma pessoa ou família (SILVA et. al, 2017).

Ferreira e Castro (2020) salientam que o costume de não poupar é consequência da ausência de disciplinas que apresentem conhecimentos básicos financeiros no decorrer dos anos escolares. Com isso, dificilmente os alunos que futuramente não ingressarem nas graduações de administração, ciências contábeis ou economia terão conhecimento neste assunto.

Ferreira e Castro (2020), através de entrevistas, afirmam que estudantes de administração dizem ter conhecimento financeiro passado pela família, pois na grade curricular do curso as disciplinas voltadas para finanças estão mais para o final da graduação, já os alunos de ciências contábeis dizem ter tido conhecimento através da faculdade, pois as disciplinas financeiras eram lecionadas no início da grade curricular. O autor sugere ainda que as universidades ofereçam cursos que falem de finanças pessoais como requisito de conclusão de curso, pois mesmo no ensino superior educação financeira não é tão eficaz como seria se o assunto fizesse parte da cultura brasileira.

Laureano, Mendes e Mattos (2019) afirmam que os discentes em faixa etária de 18 a 25 anos são os que mais executam o planejamento pessoal e eles usam diversas ferramentas para auxiliá-los, como: anotações em cadernos, planilhas em excel ou aplicativos financeiros, por exemplo Minhas Despesas, Orçamento Fácil e Minhas Economias, mas nem todos tem o costume de poupar ou investir dinheiro.

Ainda segundo Laureano, Mendes e Mattos (2019), as mulheres se destacam por sempre projetarem seus gastos pessoais mais que os homens, e também são as que mais tem costume de poupar, pois realizam um planejamento para gastarem menos do que ganham e conseqüentemente sobrar dinheiro para poupança ou investimentos.

Em relação a dívidas, a maioria dos discentes possuem financiamentos de bens móveis ou imóveis e em cartão de crédito, a justificativa é o desemprego ou a queda na renda, já que a maioria dos alunos trabalham como funcionários em empresas privadas e a renda familiar varia de R\$ 679,00 a R\$ 2.034,00 (Laureano; Mendes; Mattos, 2019).

Sousa et. al (2019) afirma que as principais diferenças que podem ser notadas entre alunos de Administração e alunos de Ciências Contábeis são que os alunos de financiamentos de administração têm mais costume de poupar que os estudantes de ciências contábeis, em contrapartida, os estudantes de administração são os que mais tem a renda comprometida.

Um dos benefícios desses cursos é a contribuição na formação da educação financeira dos estudantes, pois leciona disciplinas como matemática financeira, administração financeira, mercado de capitais, análise de custos e incentiva a realização de aplicações financeiras, análise e redução de gastos, análise de juros, orçamento mensal, aposentadoria, negociações, ensina como entender notícias sobre mercado financeiro e economia, ou seja, a grade curricular dos cursos facilita que os alunos tenham uma base de planejamento financeiro pessoal. (SOUSA et. al., 2019)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi compreender de que forma a educação financeira vem sendo estudada no âmbito da ciências contábeis no Brasil, os resultados mostraram que mesmo que não tenha uma matéria específica de educação financeira, os cursos de Administração e Ciências Contábeis contribuem para o conhecimento financeiro dos estudantes.

Diante do estudo realizado, percebe-se que a educação financeira é de extrema importância para que as pessoas aprendam a se planejar de acordo com suas metas e objetivos, que saibam fazer sábias escolhas através de bons hábitos financeiros que podem ser adquiridos tanto no ambiente familiar como no acadêmico e, conseqüentemente, adquiram independência, segurança e tranquilidade, melhorando sua qualidade de vida.

Observa-se ainda que os jovens entre 18 e 25 anos são os que mais têm o costume de se planejarem, e se destacam as mulheres que possuem mais ainda o costume de realizar planejamentos para que gastem menos do que ganham e ainda

sobrar para poupar ou investir. Esses jovens utilizam de algumas ferramentas para seus controles, como anotações em cadernos, excel ou aplicativos de celular.

Os estudantes de administração têm mais costume de poupar que os alunos de ciências contábeis, em contrapartida, os estudantes de contabilidade não têm a renda tão comprometida como os estudantes de administração. As principais dívidas desse público são financiamentos de bens móveis/imóveis e cartão de crédito, suas justificativas se baseiam no desemprego e na queda de renda.

Conclui-se que para a educação financeira ser eficaz deveria ser abordada desde a infância, nas famílias e nas escolas de ensino primário e fundamental, para que assim todos os indivíduos tivessem acesso a esse conhecimento independente da escolha de fazer ou não uma graduação, e assim o tema seria inserido na cultura do brasileiro.

Através desta pesquisa espera-se que incentive estudantes de diversas áreas a buscarem conhecimento financeiro. E aos que já possuem, repassem para que todos saibam a importância de ter boas práticas financeiras, já que através das mesmas podemos realizar nossos sonhos e objetivos.

5. REFERÊNCIAS

BARBOSA, GLÁUCIA SABADINI. **Educação Financeira Escolar: Planejamento Financeiro**. 2015. Tese de Doutorado. Dissertação UFJF. Disponível em: <http://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/2208/1/glauciasabadinibarbosa.pdf>. Acesso em: mai. 2021.

BRIGAGÃO, Esder Limírio. Pesquisa bibliográfica: ampliando horizontes. **Revista Saberes Acadêmicos**, v. 2, n. 2, p. 192-201, 2019. Disponível em: <http://rsa.fcetm.br/index.php/rsa/article/view/35>

CORDEIRO, Nilton José Neves; COSTA, Manoel Guto Vasconcelos; DA SILVA, Márcio Nascimento. Educação Financeira no Brasil: uma perspectiva panorâmica. **Ensino da Matemática em Debate**, v. 5, n. 1, p. 69-84, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/emd/article/view/36841> HYPERLINK "https://revistas.pucsp.br/emd/article/view/36841%3e.%20Acesso"> HYPERLINK "https://revistas.pucsp.br/emd/article/view/36841%3e.%20Acesso". Acesso em: abr. 2021.

DE SOUSA, Marco Aurélio Batista et al. UM ESTUDO A RESPEITO DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA DOS ACADÊMICOS DOS CURSOS DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL, CÂMPUS DE TRÊS LAGOAS. **Revista INTERFACE-UFRN/CCSA ISSN Eletrônico 2237-7506**, v. 16, n. 2, p. 52-70, 2019. Disponível em: <https://ojs.ccsa.ufrn.br/index.php/interface/article/view/1106>. Acesso em: out. 2021

DIAS, Carina De Oliveira et al. Perfil de educação financeira dos acadêmicos dos cursos de ciências contábeis, administração e economia de uma instituição federal de ensino superior brasileira. **Brazilian Applied Science Review**, v. 3, n. 5, p. 2190-2211, 2019. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BASR/article/view/3986>. Acesso em: out.2021

FERREIRA, João Batista; CASTRO, Iara Maria. EDUCAÇÃO FINANCEIRA: Nível de conhecimentos dos alunos de uma Instituição de Ensino Superior. **Revista de Administração e Negócios da Amazônia**, v. 12, n. 1, p. 134-156, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Joao-Ferreira88/publication/341883538_FINANCIAL_EDUCATION_LEVEL_OF_KNOWLEDGE_OF_STUDENTS_OF_A_HIGHER_EDUCATION_INSTITUTION_Educacao_Financeira_Nivel_de_conhecimento_dos_alunos_de_uma_IES/links/5ed828b9299bf1c67d3bac10/FINANCIAL-EDUCATION-LEVEL-OF-KNOWLEDGE-OF-STUDENTS-OF-A-HIGHER-EDUCATION-INSTITUTION-Educacao-Financeira-Nivel-de-conhecimento-dos-alunos-de-uma-IES.pdf Acesso em: Out. 2021.

FERREIRA, Juliana Cezario. A importância da educação financeira pessoal para a qualidade de vida. **Caderno de Administração. Revista da Faculdade de Administração da FEA**, v. 11, n. 1, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/caadm/article/view/33268>. Acesso em: jun. 2021.

FONTELLES, Mauro José et al. Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. **Revista paraense de medicina**, v. 23, n. 3, p. 1-8, 2009. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C8_NONAME.pdf.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Educação básica no Brasil na década de 1990: subordinação ativa e consentida à lógica do mercado. **Educação & sociedade**, v. 24, p. 93-130, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/fwBNt6pKWJKTdYrCkxHjPdQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: jul. 2021.

LAUREANO, Antônia Ilânia Rodrigues; MENDES, Daniel Paiva; MATTOS, Sergio Horta. EDUCAÇÃO FINANCEIRA: UM ESTUDO COM OS DISCENTES DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR. **Revista Expressão Católica**, v. 8, n. 2, p. 79-91, 2019. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=EDUCA%C3%87%C3%83O+FINANCEIRA%3A+UM+ESTUDO+COM+OS+DISCENTES+DO+CURSO+DE+ADMINISTRA%C3%87%C3%83O+DE+UMA++INSTITUI%C3%87%C3%83O+DE+ENSINO+SUPERIOR&btnG= Acesso em: Out. 2021.

LIZOTE, Suzete Antonieta et al. Finanças pessoais: um estudo envolvendo os alunos de ciências contábeis de uma Instituição de Ensino Superior. **Revista da UNIFEBE**, v. 1, n. 19, p. 71-85, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unifebe.edu.br/index.php/revistaeletronicadaunifebe/article/view/186>. Acesso em: out. 2021.

LUCCI, Cintia Retz et al. A influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimento dos indivíduos. **Seminário em Administração**, v. 9, 2006. Disponível em: http://sistema.semead.com.br/9semead/resultado_semead/trabalhosPDF/266.pdf. Acesso em: mai. 2021.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, p. 15-30, 1993. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/DDbsxvBrtzm66hjvnLDdfDb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: jul.2021.

ROEVER, Leonardo. Guia Prático de Revisão Sistemática e Metanálise. 2020. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=w0LWDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT8&dq=metodologia+metan%C3%A1lise&ots=ZTEITITcl&sig=RTIQ4pJJawAMlyK3XQsYhKC6Qkw#v=onepage&q=metodologia%20metan%C3%A1lise&f=false>

SAVIANI, Dermeval. História da história da educação no Brasil: um balanço prévio e necessário. **EccoS–Revista Científica**, v. 10, p. 147-168, 2008. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/viewFile/1356/1020>. Acesso em: jul. 2021.

SAVOIA, José Roberto Ferreira; SAITO, André Taue; SANTANA, Flávia de Angelis. Paradigmas da educação financeira no Brasil. **Revista de Administração pública**, v. 41, n. 6, p. 1121-1141, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rap/a/XhqxBt4Cr9FLctVvzh8gLPb/abstract/?lang=pt>
 HYPERLINK
["https://www.scielo.br/j/rap/a/XhqxBt4Cr9FLctVvzh8gLPb/abstract/?lang=pt&format=html"&](https://www.scielo.br/j/rap/a/XhqxBt4Cr9FLctVvzh8gLPb/abstract/?lang=pt&format=html) HYPERLINK
["https://www.scielo.br/j/rap/a/XhqxBt4Cr9FLctVvzh8gLPb/abstract/?lang=pt&format=html"](https://www.scielo.br/j/rap/a/XhqxBt4Cr9FLctVvzh8gLPb/abstract/?lang=pt&format=html) . Acesso em: abr. 2021.

SCHWARTZMAN, Simon; BROCK, Colin. Os desafios da educação no Brasil. **Os desafios da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 9-51, 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/SimonSchwartzman/publication/225088749_Os_desafios_da_educacao_no_Brasil/links/0fcfd50c5eb1e36e17000000/Os-desafios-da-educacao-no-Brasil.pdf. Acesso em: jul. 2021.

SILVA, Pâmela Adriene; BILAC, Doriane Braga Nunes; BARBOSA, Sandra Maria. Contribuição da contabilidade para as finanças pessoais. **Humanidades & Inovação**, v. 4, n. 5, 2017. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/480>. Acesso em: out. 2021

SIQUEIRA, Maria Isadora Maia. Educação financeira. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/11074> Acesso em: out. 2021

SOUZA, DÉBORA PATRICIA; HORIZONTE, BELO. A importância da educação financeira infantil. 2012. Disponível em: <http://www.educacaofinanceira.com.br/tcc/importancia-da-educacao-financeira-infantil.pdf>. Acesso em: jun. 2021.

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA

gabi-gomes-souza21@hotmail.com

gabriel.castro@faculdadepatosdeminas.edu.br